

Itália fecha as portas

O pertencimento a uma nação não se forja apenas nas fronteiras geográficas. Os laços de sangue, de cultura e de memória, que atravessam oceanos e resistem ao tempo, também fazem parte da construção dessa identidade. Historicamente, o direito ao reconhecimento da cidadania por descendência funcionou como uma ponte jurídica e afetiva, capaz de manter vivas as raízes de populações moldadas pela diáspora, principalmente no Brasil, país que recebeu contingentes imensos de estrangeiros, principalmente na virada dos séculos 19 e 20. No entanto, o século 21 tem se notabilizado por erguer muros, não apenas de concreto, mas de implacável burocracia. É sob essa ótica de retrocesso e de miopia histórica que se deve analisar a decisão proferida ontem pela Corte Constitucional da Itália, que rejeitou os recursos e manteve a constitucionalidade da lei que limita drasticamente a transmissão da cidadania jure sanguinis. O veredito da suprema instância de Roma cai como uma pá de cal sobre as expectativas de milhares de ítalo-brasileiros. De uma hora para outra, um contingente expressivo de famílias vê-se lançado em um angustiante limbo jurídico. Pessoas que investiram anos e economias substanciais na busca por documentos centenários, retificações de registros e traduções juramentadas acordam hoje com uma insegurança jurídica causada por uma canetada que altera as regras do jogo com a partida em andamento. O que torna o cenário profundamente lamentável é a assimetria de

responsabilidades embutida nessa restrição. Boa parte dos descendentes que agora se veem alijados de seu direito não perdeu prazos por negligência, mas por ter sido tornada refém do colapso estrutural do próprio Estado italiano no exterior. As filias consulares intermináveis no Brasil, que em algumas representações diplomáticas chegaram a impor esperas humilhantes superiores a uma década, funcionaram como uma barreira de contenção velada. Punir o cidadão, subtraindo-lhe um direito fundamental, devido à ineficiência crônica da máquina administrativa que deveria tê-lo atendido em tempo hábil é uma grave distorção do senso de justiça. Ao cancelar essa restrição, a Itália vira as costas para a sua própria biografia. Trata-se de um país cuja projeção cultural e econômica global foi erguida, em grande medida, sobre os ombros dos milhões de emigrantes que deixaram a península no passado em busca de sobrevivência. O corte abrupto desses laços legais soa como uma ingratidão institucionalizada. A limitação da cidadania italiana é, acima de tudo, o sintoma de uma doença geopolítica mais ampla. O movimento reflete uma perigosa tendência global de encolhimento e nacionalismo excluyente. Um mundo que rompe as pontes da ancestralidade, que burocratiza a identidade e que inviabiliza o trânsito legal e histórico de pessoas torna-se, irremediavelmente, mais fechado, empobrecido e hostil. Resta o apelo à razão cívica: que as nações compreendam que restringir direitos de sangue não protege fronteiras, apenas apequena o próprio legado do país perante a história.



ROBERTO FONSECA

robertofonseca.df@dabr.com.br

Fora da bolha

Em meio a um noticiário dominado pela guerra no Oriente Médio, pelo avanço das investigações sobre a teia política ligada ao Banco Master e pelas movimentações eleitorais domésticas, um dado da mais recente pesquisa Genial/Quaest merece atenção especial: o eleitor independente (que não se considera nem esquerda nem direita) se firmou como o maior bloco político do país. É praticamente uma a cada três pessoas. E em uma disputa presidencial que já começa a desenhar contornos competitivos, com empate técnico entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o senador Flávio Bolsonaro, falar para além da própria bolha deixou de ser apenas recomendável. Tomou-se condição básica para vencer eleições. As próximas semanas serão marcadas por uma movimentação típica de ano eleitoral. Até 4 de abril, governadores, prefeitos e ministros que desejam disputar cargos em outubro precisarão deixar os postos. É a chamada temporada de desincompatibilização, quando a política institucional começa a reorganizar o tabuleiro e os partidos ajustam estratégias. Ao mesmo tempo, as pesquisas de opinião ajudam a revelar tendências importantes sobre o comportamento do eleitorado. A Genial/Quaest mostra que os independentes representam, hoje, 32% dos eleitores, mais do que qualquer outro grupo isolado. São cidadãos que não se identificam nem como lulistas nem como bolsonaristas, nem com as versões mais amplas da esquerda ou da direita. É um eleitor que tem características bastante definidas. Consome informação principalmente pelas redes sociais, mas ainda mantém a televisão como uma fonte relevante. Demonstra elevado nível de desconfiança em relação aos políticos e tende a discordar de

narrativas positivas sobre lideranças de qualquer espectro ideológico. A pesquisa mostra, por exemplo, que a maioria dos independentes não vê atributos como liderança, sensibilidade ou honestidade de forma clara nem em Lula nem em Flávio Bolsonaro. Trata-se de um eleitor cético. E também distante. Entre 30% e 33% afirmam que podem votar em branco, anular ou simplesmente não comparecer às urnas. É um sinal inequívoco de desgaste da política tradicional. Mas também um lembrete de que, em eleições equilibradas, pequenos deslocamentos de opinião são capazes de alterar completamente o resultado. Há outro aspecto relevante. Esse grupo não responde bem à lógica da militância. Campanhas baseadas apenas na mobilização das bases ideológicas tendem a reforçar convicções já existentes, mas pouco dialogam com quem observa a política com desconfiança. Falar apenas para convertidos pode garantir engajamento nas redes, mas dificilmente amplia votos. À medida que a corrida eleitoral começar a ganhar forma, o principal desafio dos candidatos será convencer quem ainda não está convencido. Os independentes não formam apenas o maior grupo do eleitorado. Representam também a expressão mais clara de uma sociedade que observa a política com cautela e exige mais do que narrativas prontas. A ciência política sinaliza que, em uma democracia madura, esse tipo de eleitor é uma oportunidade, não um problema. Afinal, quando a política é obrigada a falar com quem pensa diferente, ela tende a melhorar. E, no fim das contas, é justamente desse diálogo que nasce a legitimidade das escolhas coletivas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Tudo parado

O GDF começou as obras para a construção de uma ciclovia na parte interna das duas pistas do Lago Norte. Em meados do ano passado, o governo Ibaneis iniciou uma obra, abrindo espaços por onde passaria a ciclovia, cortando a grama e desviando a rota das árvores, mantendo-as, o que foi bom sinal. Porém, no final do ano passado, antes mesmo da temporada forte de chuvas, o GDF largou o trabalho. Choveu, ficou tudo enlameado e, até agora, as obras não voltaram. Será que é falta de dinheiro? De planejamento ou das duas coisas. O certo é que está tudo parado.

» **Rosa Costa**
Lago Norte

Tragédia anunciada

A temporada de chuva não acabou e o risco continua na pista interna do Lago Norte entre as quadras 9 e 11 que ligam a escola Cox e a Igreja Católica na Quadra 13!. É que existem uma dezenas de árvores de mais de cinco metros nessa área, ao lado da pista que dá acesso aos moradores das QIs e QLS das Quadras 12 e 13. Isso porque, com as tempestades e as ventanias, essas árvores balançam demais e correm de cair e atingir um carro e as pessoas que estiverem dentro dele! Não é a primeira vez que abordo esse problema no **Correio Braziliense** e junto à Administração do Lago Norte. Mas ninguém faz nada. Quando a tragédia ocorrer — espero que não — as cobranças serão feitas.

» **Sueli Nobre**
Lago Norte

Master

O caso Master transformou a política do Distrito Federal numa espécie de xadrez jogado às pressas. De um lado, Ibaneis tenta escapar do isolamento provocado pelo escândalo. De outro,

a CLDF se movimenta para garantir que a transição para Celina seja suave. E ninguém discute o DF, os serviços públicos ou o futuro da cidade. O debate é só sobre foro, sobrevivência eleitoral e quem consegue chegar a outubro com menos arranhões. E nós, que os elegemos para trabalhar pelos nossos interesses e necessidades básicas, ficamos a ver navios!

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

Desmando

Mais uma manchete de jornal que evidencia os desmandos dos políticos em nosso país: “Sancionada a lei que reestrutura o BRB”. Mais uma vez, os políticos mandatários ficam a favor dos corruptos responsáveis pela situação a que chegou o Banco de Brasília, e ficam contra os desamparados contribuintes ao alienarem bens públicos para cobrir falcaturas nojentas perpetradas por malfetores que deveriam ser responsabilizados por seus malfeitos. Acorde, meu Brasil varonil! Este é um ano de eleições! Escolham melhor seus candidatos para lhes representar, para não terem o desprazer de verem novamente manchetes similares a esta publicadas com estardalhaço pela mídia.

» **Paulo Molina Prates**
Asa Norte

Açúcar

Açúcar pode ser tão ruim quanto cigarro. Cientistas defendem que governos passem a impor restrições à venda de alimentos e bebidas, como refrigerantes e achocolatados. O produto está ligado a doenças, como diabetes, câncer, obesidade e problemas no coração e no fígado. O consumo exagerado de açúcar mata 35 milhões de pessoas por ano no mundo.

» **José R. Pinheiro Filho**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Nos EUA existe um poderoso

complexo industrial-militar,

que exige guerras frequentes

para “queimar” armamento

obsoleto e novas encomendas

sejam feitas pelo governo.

Itiro lida — Asa Norte

Em 2025, a ministra Marina

Silva foi agredida numa

audiência pública do Senado

e, posteriormente, numa

comissão da Câmara dos

Deputados. Com a liberação

do spray de pimenta para

mulheres, não vão faltar

deputados e senadores

com os olhos vermelhos.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Erramos

Diferentemente do veiculado na edição da página 14 do caderno *Divirta-se Mais*, é hoje (e não amanhã) a data do recital *Canções de amor* — *As Canções de Santoro e Vinicius de Moraes*, com Denise de Freitas e Alessandro Santoro, às 20h, na Casa Thomas Jefferson.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br